



Identidade cultural em *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, de Olga Grjasnowa
Cultural Identity in *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, by Olga Grjasnowa

Dionei Mathias*

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria, Brasil
dioneimathias@gmail.com

Resumo: O romance *Der Russe ist einer, der Birken liebt* (sem tradução para o português e traduzido livremente como ‘O russo é alguém que ama bétulas’), escrito por Olga Grjasnowa e publicado em 2012, trata de uma jovem mulher judia que emigra do Azerbaijão para a Alemanha e que passa alguns tempos em Israel. O romance aborda os conflitos relacionados ao processo de imigração e à sua redefinição em novos contextos culturais. Assim, este artigo pretende se concentrar na problematização da identidade cultural e da agência, analisando essa interseção em dois contextos: primeiramente, a identidade cultural judaica num contexto minoritário e, em seguida, a mesma identidade cultural e sua negociação em Israel. Em ambos os contextos, a protagonista permanece estrangeira, tecendo uma narrativa identitária longe das macronarrativas religiosas e nacionais.

Palavras-chave: Olga Grjasnowa. *Russe ist einer, der Birken liebt*. Identidade cultural.

Abstract: The novel *Der Russe ist einer, der Birken liebt* (*All Russians Love Birch Trees*, 2014, English translation by Eva Bacon) written by Olga Grjasnowa and published in 2012 deals with a young Jewish woman who emigrates from Azerbaijan to Germany and who spends some months in Israel. The novel tackles the conflicts related to the process of immigration and redefinition in new cultural contexts. Thus, this article aims to focus on the problematization of cultural identity and agency, discussing this intersection in two contexts: firstly the Jewish cultural identity in a minority context and secondly the same cultural identity and its negotiation in Israel. In both contexts, the main character remains a foreigner, weaving an identity narration far from religious and national macro-narratives.

Keywords: Olga Grjasnowa. *Russe ist einer, der Birken liebt*. Cultural Identity.

* Professor da Universidade Federal de Santa Maria e Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná.



Introdução

Olga Grjasnowa nasceu em 1984, na cidade de Bacu, capital do Azerbaijão, num contexto russo judaico. Em 1996, sua família emigra para a Alemanha, fugindo dos conflitos internos em volta da disputa da região do Alto Carabaque que atribulavam a região no período da dissolução da União Soviética. Em 2012, Grjasnowa publica seu primeiro romance, escrito em língua alemã, com o título *Der Russe ist einer, der Birken liebt* (Sem tradução para o português e traduzido livremente como 'O russo é alguém que ama bétulas'). O romance apresenta traços autobiográficos, relatando a história de uma jovem mulher talentosa que, diante do deslocamento causado pela emigração, tem sua identidade cultural problematizada. Esta basicamente apresenta três eixos importantes: seu passado cultural no Azerbaijão, seu presente na Alemanha e seu pertencimento à comunidade judaica. Assim, o enredo do romance apresenta uma protagonista que, entrelaçada nessas três tessituras culturais, precisa negociar sua narrativa de identidade e encontrar um posicionamento nos diferentes contextos sociais, nos quais interage. Com efeito, ela precisa encontrar alguma clareza sobre o que significa identidade cultural e de que forma ela é instrumentalizada por atores sociais em diferentes processos de interação e comunicação.

Com base numa leitura de Erikson, Keupp *et al*¹ falam de uma ideologia pessoal que serve ao indivíduo como narrativa que estabelece valores, atitudes, orientações, por exemplo, em questões religiosas ou políticas. Ao longo de muitos séculos, especialmente a religião representou um fonte inesgotável de produção de sentido e comportamento moral. Em parte, o posicionamento político também assumiu essa função na estruturação de espaço sociais, coordenando o fornecimento de redes de sentido. Por meio dessas macroideologias, as quais de certo modo prescreviam aos indivíduos os sentidos a serem adotados na própria narração, os atores sociais obtinham orientações sobre como deviam concretizar sua existência e de que modo deviam se posicionar no mundo. Para muitos lugares do mundo, esses eixos ainda não perderam sua função social e continuam servindo de crivo, por meio do qual se dá a apropriação e concretização da realidade.

Ao longo do século XX e início do XXI, contudo, esses eixos foram perdendo seu poder de orientação. Embora eles não tivessem desaparecido completamente, seu impacto na vida pessoal perdeu a influência, que ainda tinha há alguns séculos. A necessidade de orientação e definição pessoal, porém, não perdeu sua importância, pelo contrário, aumentou substancialmente, de modo que outras fontes foram necessárias para suprir o desejo por sentido.² A identidade cultural, na virada do

¹ KEUPP *et al*, 2002, p. 170.

² BERGER, 1994.



milênio, representa sobretudo um projeto pessoal, com uma tessitura urdida de acordo com o projeto de representação de cada indivíduo.

A instalação dessas novas fontes de sentido, contudo, não surge de imediato e não sem longos processos de negociação e atualização das malhas ideológicas. Esse processo passa, antes de mais nada, por um árduo combate de forças internas que tentam se impor e legitimar seus pontos de vista. Esse combate se dá em todos os níveis de poder dentro das coordenadas ideológicas onde é travado. Isto é, não são somente as instâncias máximas que inculcam a ideologia, também os níveis mais remotos que se restringem a reproduzir a interpretação de mundo imposta, exigem a legitimação de tudo que não está em consonância com a visão predominante. Com efeito, qualquer alteração na malha cultural, especialmente na produção de sentidos e com um impacto mais amplo no horizonte social passa por uma intensa negociação prévia, antes da adoção de unidades mínimas de sentido para a concretização existencial.

Em parte, a organização de novas malhas de sentido passa pelos discursos de revolução e inovação social que marcaram o século XX, dentre eles etnia, raça, classe, nação, gênero, sexualidade, idade e também religião.³ Nessas diversas interseções, surgem novas formas de conceber práticas sociais e, com isso, também tessituras culturais, que vão confluir com os interesses de representação de cada sujeito. No lugar de macronarrativas, surgem micro-organizações voltadas para projetos identitários que defendem determinados valores e atitudes, concebendo a concretização existencial a partir desses interesses. Como argumentam Beck e Beck-Gernsheim, no lugar dos grandes discursos essencialistas que impõem ao sujeito como deve ver o mundo, o indivíduo começa a definir o que deseja para sua narração de identidade:

Nós vivemos numa era na qual a ordem social do estado nacional, de classe, etnicidade e da família tradicional está em declínio. A ética da realização e do êxito individual é a corrente mais poderosa na sociedade moderna. O ser humano que escolhe, decide, forma e que pretende ser o autor de sua própria vida, o criador de uma identidade individual é o personagem central de nossos tempos.⁴

³ WATZLAWIK, 2012, p. 255.

⁴ “We live in an age in which the social order of the national state, class, ethnicity and the traditional Family is in decline. The ethic of individual self-fulfilment and achievement is the most powerful current in modern society. The choosing, deciding, shaping human being who aspires to be the author of his or her own life, the creator



Com a dissolução de visões de mundo transmitidas pela tradição, não surgem somente novas formas de narrar a identidade e conduzir projetos pessoais de vida. Essa dissolução também produz novas tessituras culturais que vão orientar os atores sociais no momento de tomarem suas decisões.

O processo de dissolução de valores e visões tradicionais é acelerado pela mobilidade migratória internacional⁵ e por meio dos diversos movimentos de globalização.⁶ Nisso, surge uma confluência que produz configurações culturais ainda mais complexas, pois surgem interações sociais de indivíduos pertencentes a diferentes histórias de socializações e, com isso, também com horizontes de valores diversos. Esses valores não se referem somente a uma conduta moral, isto é, a forma como o indivíduo deve agir no espaço social, eles também incluem projetos de identidades e concepções daquilo que é uma vida exitosa.

Nesse encontro de diferentes formas de organizar a realidade e concretizar a vida com base na herança cultural, naturalmente ocorrem inúmeras negociações, em que os participantes colocam suas visões de mundo sob o escrutínio alheio. A diferença central das configurações tradicionais talvez resida no princípio da agência individual. No lugar da imposição e prescrição cultural, surge o princípio da escolha e da autonomia individual. Demuth e Keller argumentam:

Agência permite ao indivíduo examinar aspectos de contextos externos e de selecionar aspectos específicos para incorporar em sua percepção de si. Em contextos culturais dominados por valores que enfatizam o bem-estar de e a lealdade a grupos maiores como a família ou comunidades, o exercício da agência, de fato, não é desejável.⁷

Com a ausência de um aparato de controle cultural, o indivíduo começa a desenvolver a prática da escolha, inserindo em seu universo pessoal elementos que talvez já não estejam mais em consonância com aquilo que sua família aceitaria ou com aquilo que o espaço social esperaria deles. Esse elemento se destaca especialmente na literatura de imigração, pois, ao emigrarem, muitos indivíduos pela

of an individual identity, is the central character of our time" (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2001, p. 22).

⁵ BRETTELL; HOLLIFIELD, 2007, p. 1; BENMAYOR; SKOTNES, 2005, p. 11.

⁶ RUMFORD, 2013, p. 39.

⁷ "Agency allows an individual to examine aspects of the external contexts and to select specific aspects to incorporate into one's sense of self. In cultural contexts dominated by values that emphasize the well-being of, and loyalty to, the larger groups such as the family or larger communities, the exercise of agency is in fact not desirable" (DEMUTH; KELLER 2011, p. 427).



primeira vez experimentam a sensação de autonomia, já que o aparato de controle, no qual foram socializados perde parcialmente seu poder, o que permite ao imigrante um processo de reinvenção.

No romance a ser analisado, a questão da identidade cultural e da agência tem um papel central. Para a protagonista, uma jovem mulher que emigra com sua família do Azerbaijão para a Alemanha, não é somente o deslocamento cultural que tem um impacto no modo como se concebe, mas sobretudo seu pertencimento à comunidade judaica. Na primeira parte do romance, a voz narrativa autodiegética relata seus desafios sobre ser judia na Alemanha, na segunda, ela se desloca para Israel por motivos profissionais e se vê sua identidade cultural desafiada num novo contexto. Desse modo, este artigo pretende discutir a interseção de cultura e agência nesses dois contextos: (1) a identidade cultural judaica num contexto minoritário e (2) a identidade cultural judaica num contexto hegemônico.

1 A identidade cultural judaica num contexto minoritário

A problematização do pertencimento à comunidade judaica e, com isso, também da base de sua identidade cultural já começa no seu país de origem, antes de emigrar para a Alemanha. Confrontada com o crescimento de conflitos e da violência entre a Armênia e o Azerbaijão, a família da protagonista começa a cogitar a possibilidade de emigração. Um dos caminhos possíveis para concretizar esse objetivo é o pertencimento à comunidade judaica, à qual a embaixada alemã concede a autorização necessária para uma transferência para aquele país:

1990 minha tia imigrou para o Israel. Meus pais não foram juntos. Ambos tinham boas posições e decidiram esperar. Primeiro, ainda havia esperança de poder entrar nos EUA ou no Canadá, mas essas fronteiras foram as primeiras a serem fechadas. Para o Israel e para a Alemanha, ainda era possível viajar, mas somente como judeu, motivo pelo qual os registros nas sinagogas se encheram de nomes assim como as solicitações de viagem nas embaixadas alemã e israelita. Para isso, as mesmas pessoas foram subornadas que no passado apagaram a palavra *judeu* do passaporte ou da certidão de nascimento, pois somente com documentos *limpos* era possível fazer uma carreira.⁸

⁸ "1990 immigrierte meine Tante nach Israel. Meine Eltern gingen nicht mit. Beide hatten gute Stellungen und beschlossen abzuwarten. Erst gab es noch Hoffnung, in die USA oder nach Kanada gelassen zu werden, aber diese Grenzen wurden als erste geschlossen. Nach Deutschland und Israel konnte man noch einreisen, aber nur als



A decisão de ir para a Alemanha não foi alcançada sem antes sopesar outras alternativas menos problemáticas. Nesse processo de tomada de decisão, o pai descarta a Rússia por conta do crescimento do antissemitismo e Israel por causa da crescente onda de violência atrelada a guerras com os países vizinhos. Como a família sofreu a perseguição nazista e tem uma história de sobrevivência do holocausto, a Alemanha primeiramente é considerada como uma alternativa inaceitável, onde as “cinzas ainda estavam quentes”.⁹ A violência no próprio país, porém, leva a família a se embrenhar por esse caminho.

De certo modo, as condições políticas no país forçam a família a destacar sua identidade cultural. Isto é, uma força exterior a força a refletir e problematizar a identidade cultural. Assim, elementos que antes talvez não tinha tamanha relevância acabam se impondo em sua representação pessoal, por conta desse possível deslocamento cultural. A passagem citada explicita como a dinâmica de construção da identidade cultural está atrelada a expectativas externas e, sobretudo, a práticas oficiais de representação e de administração ideológica. A condição para a permissão de deslocamento imposta por espaços geográficos externos – que neste caso se encontram numa situação mais favorável e com maior poder – faz com que a identidade judaica receba maior desenvolvimento e atenção por parte dos protagonistas.

Para fornecer as provas documentais da identidade cultural, a família da protagonista precisa colocar em movimento toda uma máquina de produção simbólica a fim de comprovar sua condição judaica. Nisso, a voz narrativa enfatiza, primeiramente, a arbitrariedade dessas instâncias de produção cultural dentro do próprio país que uma hora apagam, outra hora inserem símbolos que corroboram um determinado pertencimento. Ao mesmo tempo, ela indica sua desconfiança das instâncias exteriores que fomentam essa prática, estimulando determinadas narrativas para legitimarem suas narrações nacionais. Com efeito, tanto a Alemanha como mais tarde também Israel – entendidos aqui como instâncias produtoras de discursos culturais e identitários – são alvos de sua crítica, já que a imagem que esses espaços culturais esperam da família e especialmente da protagonista nem sempre está em consonância com aquilo que se encontra em seus projetos pessoais de

Jude, weshalb die Register in den Synagogen sich mit Namen füllten, ebenso wie die Einreiseeinträge in der deutschen und der israelischen Botschaft. Dabei wurden dieselben Leute bestochen, die früher das Wort *Jude* aus dem Pass und der Geburtsurkunde streichen sollten, denn nur mit *sauberen* Dokumenten war eine Karriere möglich gewesen“ (GRJASNOWA, 2012, p. 50).

⁹ GRJASNOWA, 2012, p. 51.



identidade cultural. Como indivíduo dotado de autonomia, a protagonista precisa se posicionar diante das expectativas hegemônicas, com suas ideologias oficiais.

Assim, já estabelecida na Alemanha, a voz narrativa autodiegética começa a problematizar essa identidade cultural judaica, indicando a dificuldade de representar algo que não faz parte de seu projeto pessoal. Esse processo de obtenção de clareza tem início num momento chave, quando o homem que ama se encontra entre a vida e a morte. Nesse momento, ela procura ativar sua fé, mas constata que ela não existe. O que ela dispõe da cultura judaica provém das mídias: “Eu balançava enquanto rezava como eu vira no carnal *Arte* nos judeus ortodoxos”.¹⁰ O obsoleto da herança cultural volta na mesma situação de desespero, quando ela indica que o *Talmude* se encontra ao lado do filme *A lista de Schindler*, numa caixa qualquer.¹¹ Nas duas situações, a tentativa de ativar a identidade cultural legada pelo passado ou esperada pelo contexto social acaba fracassada, pois os sentidos legados já não são mais atualizáveis para o contexto da protagonista.

Essa impossibilidade também se destaca quando atores sociais do contexto hegemônico tentam enquadrá-la nas coordenadas de uma imagem do judeu. Assim, ao ser confrontada com a solidariedade de um amigo pela causa judaica, ela reage com indignação perguntando a que coletivo ele se refere para em seguida negar peremptoriamente qualquer pertencimento ao contexto de Israel.¹² Num tom irônico, ela constata que ele tenta transformá-la em seu “ursinho judeu”¹³ particular, procurando projetar nela uma identidade cultural que não está negociando. Essa tentativa externa de definir sua identidade cultural também vem de seus amigos, quando estes esperam que fale hebraico pelo fato de ser judia.¹⁴ Com isso, há três círculos de imposição cultural: o estado representado pelo embaixada, a sociedade representada pela indivíduo que se solidariza com a causa israelense sem ter qualquer vínculo com o país e o círculo mais íntimo de pessoas que lhe são importantes.

As estratégias que a protagonista utiliza para escapar dessas diferentes modalidades de ingerência cultural são diversas. No caso das imposições institucionais que desejam importar um determinado pacote cultural, ela em diversos momentos mostra um comportamento subversivo e de resistência. No lugar da submissão

¹⁰ “Ich wiegte mich im Gebet, wie ich es bei den orthodoxen Juden auf *Arte* gesehen hatte” (GRJASNOWA, 2012, p. 51).

¹¹ GRJASNOWA, 2012, p. 104.

¹² GRJASNOWA, 2012, p. 63.

¹³ “behandelte er mich als seinen persönlichen Teddyjuden” (GRJASNOWA, 2012, p. 64).

¹⁴ GRJASNOWA, 2012, p. 143.



cultural às expectativas da cultura homogênea, há um tom de crítica que questiona essas práticas quase imperialistas de administração cultural. Contudo, o grau de agência no que toca às instituições é limitado, já que sua emigração depende desses agentes. Há um fosso de poder que os separa e a protagonista tem consciência dessa configuração, participando das regras do jogo enquanto as questiona onde é possível.

Esse quadro muda completamente quando essa mesma imposição cultural provém do grupo de pares. No caso do conhecido que tenta transformá-la em “ursinho judeu”, o tom de rebate é direto, indicando sem meandros que a definição de sua identidade cultural cabe a ela. Nisso, ela utiliza diferentes meios para conter essas incursões discursivas, dentre elas ironia, sarcasmo e distanciamento. Esse tom hostil e beligerante desaparece com seus amigos, que, por vezes, também a confrontam com expectativas que ela não pode nem deseja realizar. Neste caso, contudo, predomina o tom jocoso, que deixa claro como deseja ver sua identidade cultural interpretada, mas que ao mesmo tempo constrói pontes para a atualização dessa imagem.

2 A identidade cultural judaica num contexto majoritário

Após a morte do parceiro alemão e em meio a uma grande crise existencial, a protagonista deixa a Alemanha rumo a Israel. O que a motiva a essa transferência reside, antes de mais nada, numa oferta de emprego junto a uma fundação alemã em Tel Aviv, na qual pode aplicar seus conhecimentos de línguas. Além de lhe oferecer primeiras experiências de trabalho após a conclusão do curso superior, a transferência para Israel lhe permite um encontro com a cultura judaica que fora continuamente abordada na Alemanha. O que muda nessa nova configuração geográfica é o *status* da cultura judaica. Na Alemanha, ela é estrangeira e integrante do grupo de imigrantes judeus, pertencendo, portanto, a uma minoria num contexto hegemônico – certamente com especificidades que a diferencia de outros estrangeiros, por conta do passado político alemão. Em Israel, ela também é estrangeira, mas como judia ela faz parte da maioria, colocando-a diante de uma configuração cultural completamente diferente. Em ambos os países, sua condição de estrangeira a confronta com expectativas, com as quais experimenta dificuldades de administração.

Em Israel, a protagonista é recebida por parentes. Na conversa do aeroporto até a casa onde vai se hospedar, surgem os primeiros questionamentos em volta da identidade cultural. Assim, a prima Hannah primeiramente tenta convencê-la a fazer o retorno à Terra de Israel, o que ela nega veementemente, não compartilhando portanto do projeto cultural adotado pelos familiares que moram lá. Na sequência da conversa, a prima indica que a protagonista não parece judia¹⁵, o que produz, agora

¹⁵ GRJASNOWA, 2012, p. 167.



por parte da prima, uma fragilização da rede de pertencimento. O diálogo termina com uma sensação de desconforto para as duas personagens, pois a tentativa de construir uma base comum, pautada pela identidade cultural, não foi exitosa, restando somente os laços de parentesco que não são estreitos o suficiente para produzir uma configuração afetiva que permita dar continuidade a esse processo de negociação de diferenças na narrativa cultural.

O conflito em volta da identidade cultural também se explicita ao visitar o Muro das Lamentações. Como elemento central para a simbolização e a concretização da cultura judaica a ida ao Muro, de certo modo, atualiza e reforça o pertencimento a esse círculo cultural:

Aqui agora, no lugar mais sagrado do Judaísmo, eu poderia, vestida de poliéster rosa e azul, ter conversado com Deus. Lamentar. Eu pensei muito tempo no que poderia escrever no meu bilhete, mas não consegui pensar em nada. Eu queria Elias de volta, mais nada. Logo, escrevi *Elischa* num pequeno pedaço de papel [...] Eu me perguntei se a falta do vocativo degradava meu bilhete. Mas eu nem sequer pensei em me dirigir a Deus, e eu não teria sabido como deveria fazê-lo.¹⁶

Pela segunda vez, a protagonista se volta para a herança cultural, a fim de obter respostas, em parte, somente consolo para seus desafios existenciais. A perda da pessoa amada a motiva a procurar nos conhecimentos herdados do passado uma forma de restabelecer a rede de sentidos que foi fragilizada. Ao contrário dos outros visitantes, porém, a protagonista não consegue se aproximar desse lugar sagrado a partir de um ritual aprendido no processo de socialização. Ela imita o comportamento dos outros visitantes, mas não logra realmente enxergar nessa ação um modo de depreender qualquer sentido ou consolo.

Com isso, a herança cultural apresenta um potencial de agência sobre as ações da protagonista que se revela bastante reduzido. Isto é, os elementos culturais que orientam o sujeito no processo de tomada de decisão tem um impacto mínimo ou inexistente nesse contexto. Nisso, o comportamento da protagonista não se diferencia muito de um fenômeno bastante conhecido nas gerações mais jovens de europeus, a

¹⁶ “Hier nun, an der heiligsten Stätte des Judentums, hätte ich, in pinkes und blaues Polyester gewickelt, mit Gott Rücksprache halten können. Klagen. Ich dachte lange daran, was ich auf meinen Zettel schreiben könnte, doch mir fiel nichts ein. Ich wollte Elias zurück, nichts anderes. Also schrieb ich *Elischa* auf ein kleines Stück Papier [...] Ich fragte mich, ob die fehlende Anrede meinen Zettel degradierte. Aber ich war nicht einmal auf die Idee gekommen, Gott anzusprechen, und ich hätte auch nicht gewusst, wie ich es tun sollte“ (GRJASNOWA, 2012, p. 169).



saber um distanciamento cada vez maior das grandes religiões, sejam elas católica, luterana, judaica, em parte também, muçulmana. A herança cultural ainda está presente no processo de simbolização e autodefinição, mas parece ter uma importância cada vez menor em momentos cruciais, em que o indivíduo procura orientação.

Esse processo de estranhamento, pelo qual a protagonista passa, não ocorre somente no plano religioso, ele vale igualmente para uma identificação política com o estado de Israel. A chegada no aeroporto a confronto com uma situação de controle cultural, com o qual não contava. Como falante da língua árabe e em posse de um dicionário dessa língua, o qual necessita como ferramenta de trabalho, ela inesperadamente acaba envolvida num campo de conflito, cujas dimensões lhe escapam. Assim, ao passar pelo controle de imigração naquele país, acaba sendo detida e interrogada sobre seus objetivos em Israel e especialmente sobre seu envolvimento com o mundo árabe, num tom bastante tenso. Por fim, seu computador é destruído pela polícia israelense, por conta de alegado perigo de ataque terrorista.¹⁷

O grau de hostilidade que, num primeiro momento, parece possivelmente ser a rudeza rotineira de funcionários da imigração, com a qual viajantes são confrontados em muitos países, assume maior concretude nas suas interações posteriores. Assim, sua prima tenta justificar um posicionamento nacionalista, expressando opiniões com claro teor de discriminação étnico-racial: “de qualquer modo, os árabes tem mais filhos, e os ortodoxos não fazem outra coisa a não ser ter filhos. Em breve, nós não vamos mais existir aqui”.¹⁸ Tanto o acontecimento no aeroporto como a fala da prima exemplificam o modo de interação com culturas diferentes nessas coordenadas geográficas. A segunda parte do romance traz inúmeros outros exemplos que vão na mesma direção. Com efeito, a protagonista investe muita atenção nesse fenômeno e isso não por acaso, pois ela mesma vivenciou na Alemanha a experiência de pertencer a uma outra cultura e as dificuldades de interação de minorias em contextos hegemônicos.

Apesar da analogia das experiências negativas vividas por ela e por outros amigos igualmente pertencentes a contextos culturais diferentes tanto na Alemanha como nos Estados Unidos, seu comportamento nas interações permanece reticente quando temas do encontro intercultural são discutidos, o que destoava bastante das falas recheadas de críticas na primeira parte do romance. Essa atitude parece sugerir primeiramente um comportamento de respeito pela cultura do país que a acolhe,

¹⁷ GRJASNOWA, 2012, p. 165.

¹⁸ “Die Araber bekommen sowieso mehr Kinder, und die Orthodoxen machen eh nichts, außer Kinder. Uns wird es hier bald nicht mehr geben” (GRJASNOWA, 2012, p. 167).



evitando portanto interações pautadas por questionamentos ou discussões conflituosas, ao mesmo tempo, parece indicar também, que não há identificação com esse espaço da vida como projeto de nação. Isto é, ela não enxerga nesse espaço político cultural um lugar pessoal para concretização existencial, o que por sua vez refreia uma interação crítica desejosa de convencer seus interlocutores da necessidade de mudança na matriz de convívio intercultural, no sentido de uma prática maior da tolerância.

Até aqui todo o texto parece sugerir que a protagonista apresenta uma construção de identidade cultural problemática, dada a ausência de identificação com o judaísmo e com o estado israelense. Esse aspecto recebe maior complexidade, quando a voz narrativa precisa acompanhar uma visitante alemã aos lugares sagrados de Jerusalém. Durante um momento de descanso, a visitante comenta o comportamento de israelenses em relação a árabes, que de seu ponto de vista é hostil e inaceitável. A protagonista rebate prontamente: “Os campos de concentração alemães não foram reformatórios morais”,¹⁹ assumindo uma perspectiva exterior contra a crítica de uma representante do grupo hegemônico alemão. Embora nesse episódio a protagonista claramente tome partido de Israel, ele não parece ser suficiente para reforçar uma base sólida de identificação cultural ou mesmo desejo de pertencimento. O que surge é incerteza e ambiguidade sobre seu posicionamento.

Considerações finais

Com efeito, a protagonista acaba optando por voltar para a Europa. Sua estada na Terra Santa, contudo, lhe mostrou que nem os elementos religiosos nem os aspectos político-culturais de Israel estão em consonância com seu projeto de identidade cultural pessoal, mas tampouco a Alemanha é lugar que lhe oferece a chave de solução para esse conflito. Embora nenhum dos dois países possa lhe oferecer um pacote de identidade cultural que ela deseje incorporar, há uma diferença no comportamento de negociação desses signos de representação. Na Alemanha, ela mostra um afinco de negociação muito mais intenso, contra-atacando tentativas de projeção cultural e defendendo sua autonomia de representação. Em Israel, ela tende a permanecer mais passiva e a evitar o confronto, quando há divergências de visões de mundo. Os dois países utilizam práticas de administração cultural para tecer a narrativa nacional, ao quais ela não se submete, procurando manter sua autonomia de definição. Em ambos os contextos culturais, a protagonista enfatiza sua identidade como estrangeira, não pertencendo completamente a nenhum dos dois lugares.

Com as experiências vividas nos dois países, ela percebe a dificuldade da definição cultural, o que fica explícito na última parte do romance, onde outro interlocutor lhe

¹⁹ “Die deutschen Lager waren keine moralischen Besserungsanstalten” (GRJASNOWA, 2012, p. 251).



diz que não parece alemã, a que ela rebate perguntando como então parecem os russos. Numa imagem poética, a resposta parece simbolizar o dilema do pertencimento cultural: “como pessoas que amam bétulas”.²⁰ A definição da essência russa a surpreende no seu grau de subjetividade, mas ela reflete a construção pessoal de imagem cultural. No fim, parece que não é a cultura ou o discurso ideológico-nacional que representa a base da identidade cultural, mas sim as escolhas individuais, com seus sentidos e suas tessituras pessoais. A epígrafe retirada de um texto de Anton Tchekhov e que alude à imagem das bétulas parece corroborar essa leitura: o lugar da identidade cultural é o lugar da produção individual de sentido.

Referências

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage, 2002.

BENMAYOR, Rina; SKOTNES, Andor. Some Reflections on Migration and Identity. In: BENMAYOR, Rina; SKOTNES, Andor (Ed.). *Migration & Identity*. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2005. p. 1-18.

BERGER, Peter L. *Sehnsucht nach Sinn. Glauben in einer Zeit der Leichtgläubigkeit*. Frankfurt am Main: Campus, 1994.

BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. Introduction. In: BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F (Ed.). *Migration Theory. Talking across Disciplines*. New York/London: Routledge, 2007. p. 1-29.

DEMUTH, Carolin; KELLER, Heidi. Culture, learning, and adult development. In: HOARE, Carol (Ed.). *The Oxford handbook of reciprocal adult development and learning*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 425-443.

GRJASNOVA, Olga. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. München: Carl Hanser Verlag, 2012.

KEUPP, Heiner *et alii*. *Identitätskonstruktionen. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

RUMFORD, Chris. *The globalization of strangeness*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

WATZLAWIK, Meike. Cultural identity markers and identity as a whole: Some alternative solutions. *Culture & Psychology*, v. 18, n. 2, p. 253-260, 2012.

Recebido em: 04/02/2018.

Aprovado em: 04/03/2018.

²⁰ “Wie Leute, die Birken lieben” (GRJASNOWA, 2012, p. 265).